

## DEPOIMENTO DE PAULO FREIRE

**Este depoimento foi gentilmente concedido ao prof. Bernardo Mançano Fernandes, em 1996, para elaboração de vídeo documentário da Educação do Campo, a partir das experiências do MST, e publicado no livro Pedagogia da Tolerância, organizada por Ana Maria Araújo Freire, publicada pela Editora da Unesp, 2004.**

Uma de minhas preocupações enquanto educador, portanto, enquanto político, tem sido o problema da Reforma Agrária no Brasil, quer dizer, a questão, e até o que eu poderia dizer algumas das considerações que eu venho fazendo silenciosamente, por que na verdade, até eu não escrevi detalhadamente sobre a questão, algumas das considerações, eu acho que são de natureza universal, por ex.: Se a gente se põe diante da Reforma Agrária, enquanto abstração, até se a gente se perguntar, em torno de que, ou de outra forma, o que é que implica, o que é que pode estar implícito na Reforma Agrária, na ação da Reforma Agrária, na prática da Reforma Agrária.

Eu tenho a impressão, que se a gente fizer um arrolamento de diferentes campos que participarão necessariamente do projeto da Reforma Agrária, de uma prática da Reforma agrária, a gente tem por exemplo a questão do alimento, quer dizer, a gente tem o problema alimentar que vai ser tocado diretamente pela Reforma Agrária, a gente tem a questão da saúde que não pode ser separado de um processo de transformação da realidade concreta e, de transformações de relações sociais que passam a dar-se dentro do projeto da Reforma Agrária em ação. A gente não pode se distanciar, ou esquecer a questão da saúde. A saúde é um dos problemas que um projeto de Reforma Agrária tem necessariamente que enfrentar, quer dizer, a melhoria da saúde, dos níveis da saúde. Mas obviamente em outra dimensão fundamental, que é a maior rentabilidade do trabalho agrícola, quer dizer, quando a gente faz uma reforma agrária, tem que se preocupar, com o aumento, por exemplo, da produção dentro das áreas, o ideal aliás, é sem sacrificar a experiência da mão-de-obra, o direito que a pessoa tem de trabalhar. É modernizando o instrumental, que a gente alcança o mundo concreto, é aumentar a produção, diminuindo até a área de uso da plantação, por exemplo: este problema que envolve necessariamente a questão do processo produtivo, portanto, ao mesmo tempo agrícola, é também econômico, é um outro dado que não se pode esconder, negar num projeto.

Por isto mesmo há uma outra questão indiscutível no processo produtivo da Reforma Agrária, que é a preocupação com a geografia física da área que você vai atuar com a Reforma Agrária, e a geografia humana que existe aí dentro, e a geografia econômica, quer dizer, isto não é possível, é claro que é uma dimensão mais sofisticada, mas que a Reforma Agrária, um dia vai chegar também. Mas você não pode tocar em geografia sem tocar em história, quer dizer, a geografia se prolonga na história, indiscutivelmente não tem

nenhuma geografia que não seja simultaneamente cultura e história, toda a análise geográfica, necessariamente se despeja num veio cultural, num veio histórico.

Ora, a educação, a prática educativa, se acha no centro destas preocupações, quer dizer, a prática educativa viabiliza os conhecimentos em torno destas preocupações, quer dizer, a prática educativa, tem que estar vinculada à questão da produção, tem que estar vinculada à questão da cultura, tem que estar vinculada à história. No fundo o processo de Reforma Agrária inaugura uma nova história dos homens e das mulheres. Inaugura uma nova cultura, a cultura que nasce de um processo de transformação do mundo, e por isto mesmo, ela implica em transformações sociais.

A cultura como agente das transformações, também quer dizer, a superação por exemplo de uma cultura profundamente paternalista e fatalista, em que um camponês se perdia na perda de si mesmo, enquanto objeto quase puro do processo de produção, excluído do processo de produção. Quando ele se reincorpora ao processo de produção, evidentemente ele ganha uma posição social, histórica e cultural que ele não tinha. Ele termina a partir das transformações que ele vê realizando-se socialmente na sua comunidade, ele descobre que agora o fatalismo, já não explica coisa nenhuma, então ele descobre que tendo sido capaz de transformar a terra, ele é capaz também de transformar a história, de transformar a cultura, então da posição fatalista, ele renasce numa posição de inserção, de presença na história, não mais como objeto dela, mas também como objeto da história.

Ora, isto tudo são tarefas educativas e políticas. Então trabalhar no sentido de ajudar os homens e mulheres brasileiros, a exercer o direito de estar de pé, no chão, cavando e retificando o chão, fazendo com que o chão produza melhor, é um direito e um dever nosso. E a educação, é uma das portas, ou é umas das chaves para abrir estas portas. Eu nunca me esqueço de uma frase linda de um educador, alfabetizador, um camponês sem terra, de um assentamento enorme no Rio Grande do Sul, aonde eu fui: *Um dia pela força de nosso trabalho e de nossa luta, cortamos os arames farpados do latifúndio e entramos nele, mas quando nele chegamos, descobrimos que existem outros arames farpados, como o arame da nossa ignorância, e então ali eu percebi, melhor ainda naquele dia, que quanto mais ignorante, quanto mais inocentes diante do mundo, tanto melhor para os donos do mundo, e quanto mais sabido, no sentido de conhecer, tanto mais medrosos ficarão os donos do mundo.*

Então eu acho que isto não é uma tarefa só política, que não é só ideológica, e que sendo política e ideológica, é sobretudo pedagógica. Não há Reforma Agrária sem isto...

**RECADO AOS EDUCADORES**

Eu vou mandar um recado, para os jovens professores e professoras, que é exatamente o seguinte: *Vivam por mim, já que eu não posso viver a alegria de trabalhar com crianças e adultos, que com sua luta e com sua esperança estão conseguindo ser eles mesmos e elas mesmas.*

Transcrito de vídeo gravado em novembro de 1996.